

*Zine*

# Pandemia aumenta número de jovens no **limbo social**



**Pedro Mutzenberg**  
Especial para A Gazeta  
[vida@gazetadigital.com.br](mailto:vida@gazetadigital.com.br)

**I**nseridos em uma realidade cada vez mais dura, jovens brasileiros enfrentam dificuldades nos principais aspectos que influenciam no futuro de sua vida: a educação e o emprego. A falta de expectativa é generalizada, porém afeta com mais intensidade os mais novos, justamente quando o entusiasmo para viver a vida adulta dá lugar à apatia dos dias de isolamento. Segundo pesquisa da FGV Social, o Brasil tem cerca de 50 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos e mais da metade está desempregada. Com isso, o horizonte destes jovens se torna nublado. O aumento nos índices dos jovens que não estudam e nem trabalham e o adoecimento mental desta população são apenas alguns dos efeitos do caos social causado pela pandemia. “O jovem que não consegue trabalhar acaba não estudando também e isso prejudica as chances de



Otmar Oliveira

**Cresce o número de jovens sem perspectivas de trabalho e tampouco de avançar nos estudos**

mobilidade social nessa camada da população”, alerta Marcelo Neri, coordenador do estudo e diretor da instituição. O levantamento concluiu que a quantidade de jovens que não estudam nem trabalham, apelidados de nem-nem, segue em alta. No segundo trimestre de 2020, logo quando a pandemia começou, a quantidade de jovens nessa situação atingiu o recorde histórico de 29,33%. Enquanto nos Estados Unidos eles já estão sendo vacinados, no Brasil grande parte segue sem previsão de receber a imunização para buscar uma ascensão social com mais tranquilidade. “É uma realidade dura, muitos têm que escolher entre estudar e trabalhar e não conseguem o acesso necessário, então estes jovens ficam no limbo de não fazer nem um e nem outro”, explica Rodolfo Rodrigues, diretor da União Estadual dos Estudantes (UEE/MT). No decorrer da pandemia, conforme os números de óbitos e infectados flutuavam, a quantidade de jovens nem-nem teve variação e no fim de 2020 a faixa recuou para 25,5%. Ainda assim a porcentagem de nem-nem é superior aos 23,6% contabilizados no fim de 2019, além de estar próxima do recorde anterior de 26,3% registrado no fim de 2016, conforme o estudo da FGV Social realizado desde 2012.

### Saúde mental

Rodolfo cursa ciências biológicas e relata dificuldades em manter-se bem e saudável nesta situação, principalmente por conta do impacto da pandemia não somente na saúde física e nas relações sociais, mas também no adoecimento mental. “A pandemia atingiu em cheio a saúde mental de muitas pessoas, a juventude não ficou alheia e se tornou comum conhecer jovens que apresentam transtorno de ansiedade, depressão e demais doenças, inclusive fazendo uso de remédios prescritos

por psiquiatras”, pontua. “Posso falar por mim, ainda em 2020 comecei a tomar alguns remédios e no meu círculo de amigos a maior parte faz uso também”, conta o universitário de 22 anos validando o resultado da pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, encomendada pelo Fórum Econômico Mundial em abril deste ano, em que 53% dos brasileiros declararam que sua saúde mental piorou um pouco ou muito no último ano. Dentro da esfera do trabalho e da educação, de acordo com Rodolfo, a juventude brasileira enfrenta um cenário de precarização. Apesar dos esforços de professores e outros profissionais da educação, o ensino remoto esbarra na desigualdade social e não consegue atingir com êxito todos os estudantes, além de não entregar a mesma qualidade do presencial. “São vários fatores que levaram muitos jovens a

abandonar os estudos ou então ter um aprendizado precário. Seja por ter familiares que foram acometidos pelo vírus, não ter ambiente propício em casa para estudar ou mesmo não ter acesso a computadores e internet”, afirma Rodolfo. Já a falta de ofertas de emprego e a facilidade na adesão aos aplicativos de entrega e aos serviços freelancer, de acordo com o representante estudantil, trouxeram uma desvalorização da mão de obra e a insegurança em relação aos retornos financeiros. “[Pelos aplicativos de entrega] os jovens cumprem jornadas exaustivas de trabalho e a necessidade imediata de um sustento fala mais alto que o preparo para o vestibular e os estudos. Esses jovens estão com seus pais desempregados e precisam lidar com o sustento da casa para auxiliar a família”, completa ressaltando a instabilidade desse tipo de trabalho.



Rodolfo Rodrigues, diretor da União Estadual dos Estudantes, constata a dura realidade dos jovens